

PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO CIVIL DE SETÚBAL E AZEITÃO

**ANTÓNIO CUNHA BENTO
INÊS GATO DE PINHO
MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO**
COORDENAÇÃO CIENTÍFICA



COORDENAÇÃO CIENTÍFICA **ANTÓNIO CUNHA BENTO | INÊS GATO DE PINHO | MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO**

TEXTOS **ANA CLÁUDIA SILVEIRA** IEM/FCSH/NOVA | **ANA DUARTE RODRIGUES** CIUHCT/FCUL | FCT-UNL
ANA LÚCIA BARBOSA ICOMOS | CERIS-IST/UL | **ANTÓNIO CUNHA BENTO** INVESTIGADOR
INDEPENDENTE | **BRUNO FERRO** CMS | **CARLOS Mouro** INVESTIGADOR INDEPENDENTE |
CARLOS TAVARES DA SILVA UNIARQ-UL | **CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA** INVESTIGADOR
INDEPENDENTE | **DIOGO FERREIRA** IHC/FCSH/NOVA | **FRANCISCA RIBEIRO** CMS | **HÉLDER
CARITA** IHA/FCSH/NOVA | **HUGO O'NEILL** APCA | **INÊS GATO DE PINHO** CERIS-IST/UL | **JOÃO
BERNARDO GALVÃO TELES** LMT-CONSULTORES EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO | **JOÃO SANTOS**
IHC/FCSH/NOVA | **JOÃO VIEIRA CALDAS** CITUA-IST/UL | **JOAQUINA SOARES** MAEDS-AMRS |
UNIARQ-UL | **MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA** UAB | CHAIA-EU |
ARTIS-FLUL | CITAR-UCP | **MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY** PNA | FLUL | **MARIA JOÃO
PEREIRA COUTINHO** IHA/FCSH/NOVA | **MANUELA TOMÉ** CMS | **MIGUEL MONTEZ LEAL** IHA/
FCSH/NOVA | **PEDRO FERNANDES** INVESTIGADOR INDEPENDENTE | **PEDRO FLOR** UAB | IHA/
FCSH/NOVA | **PEDRO MARQUES ALVES** INVESTIGADOR INDEPENDENTE

DESIGN DE COMUNICAÇÃO **DDLX – DESIGN COMUNICAÇÃO LISBOA**

EDIÇÃO **LASA – LIGA DOS AMIGOS DE SETÚBAL E AZEITÃO | ESTUÁRIO**

IMPRESSÃO **RAINHO & NEVES**

PATROCÍNIOS **SANTANDER TOTTA | INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL |
CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL | QUINTA DO ALCUBE**

Depósito Legal: 456004/19

ISBN: 978-972-8017-30-9

Os artigos, imagens e norma ortográfica utilizadas são da responsabilidade dos autores.

Os editores não aceitam qualquer responsabilidade por qualquer uso indevido de texto e imagens.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
VESTÍGIOS DE DOMUS NA SETÚBAL ROMANA JOAQUINA SOARES E CARLOS TAVARES DA SILVA	11
O PATRIMÓNIO DA FAMÍLIA QUEIMADO DE VILALOBOS / MIRANDA HENRIQUES EM SETÚBAL NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XV PARA O XVI ANA CLÁUDIA SILVEIRA	23
QUINTA DAS TORRES, EM AZEITÃO HÉLDER CARITA	47
A QUINTA DE BRÁS AFONSO DE ALBUQUERQUE EM AZEITÃO: ARQUITECTURA, ESCULTURA E AZULEJO NO RENASCIMENTO PEDRO FLOR	69
A QUINTA DA BACALHOA: REGULARIZAÇÃO DO ESPAÇO E CONTROLO DA NATUREZA ANA DUARTE RODRIGUES	87
OS PAÇOS DOS DUQUES DE AVEIRO EM SETÚBAL JOÃO VIEIRA CALDAS E MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO	111
EDIFÍCIOS DE USO CORRENTE NO NÚCLEO ANTIGO DE SETÚBAL: A TIPOLOGIA ARQUITECTÓNICA QUE PERSISTE MANUELA TOMÉ	141
OS MIRANTES DAS CASAS RELIGIOSAS FEMININAS E A SUA ADAPTAÇÃO AO USO CIVIL. O CASO DE SETÚBAL: MEMÓRIAS E PERMANÊNCIAS ANA LÚCIA BARBOSA	161
PAREDES QUE FALAM ENTRE A REGRA E A IMAGINAÇÃO. A ROTA DO PATRIMÓNIO AZULEJAR EM CONTEXTO CIVIL DE SETÚBAL E AZEITÃO MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA	177
AS ARTES DECORATIVAS, ENTRE A VIDA PRIVADA E O ESTATUTO SOCIAL. ESTUDO DE (ALGUNS) ARTEFACTOS DO ACERVO DO MUSEU DE SETÚBAL/CONVENTO DE JESUS FRANCISCA RIBEIRO	195
A ARQUITECTURA CIVIL AO SERVIÇO DA CASA RELIGIOSA: PROPRIEDADES URBANAS E RURAIS DO COLÉGIO DA COMPANHIA DE JESUS DE SETÚBAL. A QUINTA DO ESTEVAL. INÊS GATO DE PINHO E JOÃO BERNARDO GALVÃO TELES	209

A SAÚDE DA NOSSA IDENTIDADE CULTURAL ESTÁ NA VIDA DAS PEDRAS E DOS SÍTIOS – REVISITAR O PATRIMÓNIO CONSTRUÍDO DA FAMÍLIA O’NEILL NA REGIÃO DE SETÚBAL (1740 – 2018)	233
HUGO O’NEILL	
DO TOPÓNIMO AOS ESTANTES – SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DOS PRÉDIOS RÚSTICOS E URBANOS DE SETÚBAL EM 1762	257
ANTÓNIO CUNHA BENTO	
O EDIFÍCIO DO MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA DO DISTRITO DE SETÚBAL: CONTRIBUTOS PARA A SUA HISTÓRIA	297
CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA	
FORMA E FUNÇÃO – OBSERVAÇÕES RELATIVAS À NATUREZA DOS ESPAÇOS E PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO DAS ANTIGAS QUINTAS DA BAIXA DE PALMELA	309
PEDRO FERNANDES	
UMA QUINTA ROMÂNTICA NO CORAÇÃO DE SETÚBAL: O OUTEIRO DA SAÚDE	329
MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY	
PEREIRA CÃO (1841-1921), PERCURSO E OBRA DE UM PINTOR SETUBALENSE	351
MIGUEL MONTEZ LEAL	
SETÚBAL AO ESPELHO – A COLEÇÃO FOTOGRÁFICA DE AMÉRICO RIBEIRO: UM SINGULAR INVENTÁRIO ARQUITETÓNICO DA CIDADE E UM PATRIMÓNIO SETUBALENSE A PRESERVAR	365
BRUNO FERRO	
O BAIRRO SALGADO, SETÚBAL (ALGUMAS NOTAS)	375
CARLOS MOURO	
SETÚBAL E A POLÍTICA HABITACIONAL DO ESTADO NOVO NA DÉCADA DE 1940: O BAIRRO PRESIDENTE CARMONA (1948) E O BAIRRO DE CASAS ECONÓMICAS DA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO (1949)	401
DIOGO FERREIRA E JOÃO SANTOS	
“CASAS EVOLUTIVAS” NO BAIRRO DO CASTELO VELHO, EM SETÚBAL	431
PEDRO MARQUES ALVES	
NOTAS BIOGRÁFICAS E CURRICULARES DOS AUTORES	447
ÍNDICE REMISSIVO	459

PEREIRA CÃO (1841-1921), PERCURSO E OBRA DE UM PINTOR SETUBALENSE

MIGUEL MONTEZ LEAL

IHA/FCSH/NOVA

“Pintor genérico, decorador e cenógrafo, cultivando com distinção, há mais de meio século, o ornato e as flores, em que é exímio, e a pintura cerâmica, especialmente os azulejos. Conhecendo e praticando todos os géneros e processos antigos ou modernos, da pintura decorativa dos edifícios, interior ou exterior, como o fresco, temperas diversas, a óleo, aguarela, etc., bem se pode considerar, pelo menos, o nosso derradeiro pintor frescante e o maior dos pintores-decoradores que nos ficaram do século XIX”.

João Manuel Esteves Pereira¹

O artista que apresentamos nas páginas que se seguem foi durante a sua vida muito popular e famosíssimo. Em 1941 foi homenageado no centenário do seu nascimento na sua cidade natal de Setúbal, sendo inaugurada uma rua baptizada com o seu nome, a Rua Pereira Cão (1841-1921), no centro da cidade e numa artéria perpendicular à Avenida Luísa Todi. O painel de azulejos aposto na rua foi concebido e pintado pelo coronel Victoria Pereira², discípulo do pintor setubalense, casado com uma das filhas mais novas do pintor,

1 Vide João Manuel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, 1907, Vol. V, p. 635. Esteves Pereira (1872-1944) foi um dos filhos do primeiro casamento de Pereira Cão e o seu primeiro biógrafo. Erudito, historiador, cronista, escritor e tradutor dirigiu e compôs o dicionário citado, e redigiu um artigo biográfico sobre o seu pai.

2 O coronel Victoria Pereira, José Estevão Cacella de Victoria Pereira (Leiria, 1877- Lisboa, 1952), foi um militar de carreira, especialista em cartografia e pintor ceramista, entre muitas outras facetas criativas e artísticas. Vide a sua biografia na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa-Rio de Janeiro, s/d., Vol. 36, pp. 685-686.



Fig. 1 Tríptico dos Notáveis de Setúbal, Luciano dos Santos. Salão Nobre dos Paços do Concelho de Setúbal.

Maria Adelaide de Sousa Pereira de Victoria Pereira³ e oferecido pelo casal à edilidade. Também na cidade sadina encontramos uma obra realizada pelo pintor Luciano dos Santos, *O Tríptico dos Notáveis de Setúbal*, que se encontra nos Paços do Concelho. Nestes painéis, inspirados nos Painéis de S. Vicente, Luciano dos Santos retrata as figuras principais da história da localidade, que se destacaram em diversas áreas ao longo dos séculos. Pereira Cão surge representado no painel dos artistas ao lado do Morgado de Setúbal, de João Vaz e dos músicos Gomes Cardim, Frederico do Nascimento e Plácido Stichini. Durante a sua vida o nome de Pereira Cão circulava de boca em boca, na sua vasta clientela, e surgia com frequência na imprensa da época. Após a sua morte o seu nome começou a ficar esquecido, sendo lembrado no seu centenário e episodicamente quando algum erudito escrevia sobre algum palácio ou palacete pintado por este artista. O seu primeiro biógrafo, como vimos, e aquele que o consagrou foi o seu filho Esteves Pereira, João Manuel Esteves Pereira de seu nome completo, que ao conceber um dicionário enciclopédico juntamente com Guilherme Rodrigues, lhe consagrou várias páginas, apresentando uma biografia e um resumo bastante detalhado da sua vastíssima obra pública e privada. Contudo, como este volume foi terminado em 1907⁴ e Pereira Cão só morre em 1921, esta resenha não abarca nem contém toda a obra do artista. Mais tarde os eruditos locais setubalenses Fran Paxeco⁵ e Óscar Paxeco⁶ socorrem-se também desta obra para escrever sobre Pereira Cão.

3 Maria Adelaide de Sousa Pereira de Victoria Pereira (1887-1959), casou a 20 de Junho de 1904, em Lisboa, na Freguesia de Santa Justa, com José Estevão Caccella de Victoria Pereira, militar de carreira. Sendo uma das filhas mais novas do segundo casamento de Pereira Cão, será responsável por alimentar e manter viva a memória do seu pai.

4 Vide Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, 1907, Vol. V, pp. 635-638.

5 Vide Fran Paxeco, *Setúbal e as Suas Celebidades*. (s.l.): Oficinas S. N. de Tipografia, 1931.

6 Vide Óscar Paxeco, *Roteiro do Tríptico de Luciano*. Lisboa, Neogravura, 1957.



Fig. 2 Croquis da autoria de Victoria Pereira, datado de 1941, para o painel de azulejos da Rua Pereira Cão. Coleção particular.



Fig. 3 Pereira Cão jovem, cerca de 1859. Coleção particular.

José Maria Pereira Júnior nasceu a 21 de Fevereiro de 1841 na antiga Rua do Buraco de Água, actual Rua Tenente Valadim, em pleno centro da então vila de Setúbal, muito próximo da Praça Bocage. Era filho de José Maria Pereira, antigo militar (1º Sargento do Batalhão de Artífices Engenheiros),⁷ que abandonara esta carreira após a Convenção de Évora Monte e a partida para o exílio de D. Miguel I, e que regressando a Setúbal se tornara num conhecido construtor civil e de D. Rosalina de Jesus Costa. José Maria Pereira casara uns anos antes em Cedofeita, no Porto, com D. Rosalina de Jesus Costa (nascida em Pedrouços e baptizada em 1809 na Freguesia de Nossa Senhora da Ajuda), filha do major António Luís da Costa, que fora na Legião Portuguesa à Rússia e que era o Governador da Fortaleza de S. Filipe em Setúbal⁸ e de D. Francisca Rosa das Chagas Costa.

José Maria Pereira Júnior foi baptizado a 19 de Março de 1841 na Igreja de S. Julião de Setúbal, tendo como padrinho Manoel Severo Correia de Brito Guedes, Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Conceição e como madrinha Nossa Senhora do Parto. Sabemos ser o mais novo de cinco irmãos e o único rapaz, tendo quatro irmãs mais velhas.

Pereira Cão passou os seus primeiros anos de vida em Setúbal. Em 1849 entrou para a Escola Régia⁹, instalada no antigo Convento dos Grilos, onde esteve durante dois anos. De 1851 a 1853 passou para a aula particular do professor Teixeira. Desde muito cedo que Pereira Cão começou a revelar dotes para o desenho. Amigos particulares do seu pai, assim como o seu primo, Mariano António Brandão, pintor azulejista, que frequentavam o meio cultural e in-

7 José Maria Pereira Sénior seguiu a carreira militar entre 1821 e 1834.

8 Faleceu aos 96 anos de idade em Setúbal e na posse daquele cargo.

9 Veja-se o artigo de Miguel Montez Leal, "Palácios Oitocentistas em documentação inédita de Júlio de Castilho". In *A Cidade de Évora*, Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, III Série, Nº 1, 2016. pp. 166-175.

telectual de Setúbal, aconselharam o seu pai a enviá-lo para Lisboa para estudar na recém criada Academia Nacional de Belas Artes. Com doze anos de idade Pereira Cão deixa a sua vila natal e parte para Lisboa. Em 1853 matricula-se na Academia Real de Belas Artes que frequenta durante três anos (era então dirigida por Mariano Henriques da Silva, também professor de Pintura Histórica) e em 1854 começa também a estudar no Instituto Industrial em Lisboa. Nas Belas Artes copiava do gesso, tendo estudado Arquitectura com José da Costa Sequeira e Paisagem com Tomás José da Anunciação. Além destes estudos foi desenvolvendo a sua aprendizagem na companhia de outros pintores de Lisboa e ao acompanhar os trabalhos do seu pai, sobretudo em campanhas arquitectónicas e decorativas pelo Sul de Portugal.

Durante três anos esteve a trabalhar nos restauros e nas decorações do Palácio da Ajuda que tinham de estar prontos a tempo do consórcio do Rei D. Luís I com D. Maria Pia de Sabóia, princesa italiana, que vinham habitar este palácio nunca concluído e até então apenas pontualmente habitado. Pouco depois passou para o Teatro de S. Carlos, como discípulo dos cenógrafos italianos Giuseppe Cinatti (1808-1879) e Achilles Rambois (c. 1818-1882). Tornou-se discípulo e ajudante destes dois mestres italianos, com quem muito aprendeu. No teatro de ópera nacional trabalhava durante o Inverno no salão de cenografia, no Verão acompanhava aqueles dois pintores-decoradores nas campanhas de pintura de palácios e palacetes dirigidas por aquela dupla de artistas um pouco por todo o país. Colaborará com estes mestres italianos durante dezoito anos. A pouco e pouco Cinatti irá emancipando-o e indicando-o para outras campanhas e Pereira Cão tornar-se-á num artista autónomo, muitíssimo requisitado e popular.

Em 1878 Pereira Cão faz uma viagem de estudo ao estrangeiro, percorrendo Espanha, França, Bélgica, Itália e Inglaterra. Em 1878 vindo de uma campanha decorativa no norte do País chega a Lisboa e vê que o novo edifício dos Paços do Concelho de Lisboa que está em obras tem a maior parte da sua campanha decorativa entregue a artistas estrangeiros e sem concurso público. Indignado envolve-se numa polémica e submete dois projectos seus à Câmara Municipal. A polémica chega aos jornais, e Pereira Cão ganha o concurso¹⁰. Pode assim decorar a cúpula dos Paços do Concelho de Lisboa, um dos seus principais



Fig. 4 Pereira Cão e Columbano Bordalo Pinheiro, 1880. Foto aquando da pintura decorativa da cúpula dos Paços do Concelho de Lisboa. Coleção particular.

10 Vide João Manuel Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, 1907, Vol. V, pp. 635-638.



Fig. 5 Cúpula dos Paços do Concelho de Lisboa. Pintura ornamental, a claro-escuro, da autoria de Pereira Cão. À volta do brasão da cidade, que está pintado sobre as quatro redes de ventilação, podem observar-se os quatro tímpanos, com representações alegóricas - a Navegação; a Agricultura; o Comércio e a Indústria - pintados por Columbano Bordalo Pinheiro. 1880. Foto de José Barbosa.

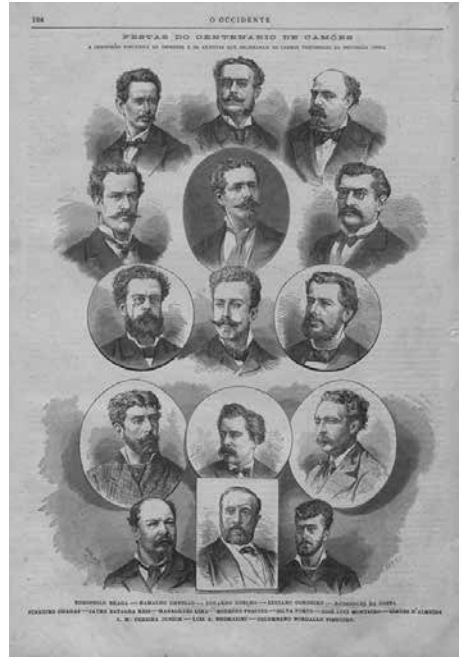


Fig. 6 Comissão executiva da imprensa e dos artistas que delinearam os carros do cortejo do Tricentenário de Camões: Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Pinheiro Chagas, Batalha Reis, Magalhães Lima, Rodrigo Pequito, Silva Porto, José Luís Monteiro, Simões d'Almeida, Pereira Cão, Thomazini e Columbano Bordalo Pinheiro in *O Occidente*, 1880.

e magistrais trabalhos, juntamente com Columbano Bordalo Pinheiro, que decorará os tímpanos. Pereira Cão decora ainda o Salão Nobre no mesmo edifício. Em 1880 decora os tectos da Real Biblioteca da Ajuda. Nas festas do tricentenário de Camões, também neste mesmo ano, foi o principal animador e entusiasta e concebeu os carros do comércio e da indústria para o cortejo histórico. Em 1882 participou também nas Festas do Centenário de Pombal. A 7 de Fevereiro de 1863 Pereira Cão casa em Setúbal, na Igreja de São Julião, com Maria de São José do Carmo Esteves, natural de Vila Nogueira de Azeitão e de quem terá dezasseis filhos.

Viúvo do primeiro casamento e já com uma vastíssima prole, a 23 de Outubro de 1884 Pereira Cão casa-se novamente em Lisboa, na Igreja de Santos-o-Velho, com Adelaide Maria da Conceição, de quem virá a ter dezoito filhos. À época vivia na zona de Santos em Lisboa. Com ele habitavam o seu pai, que veio para Lisboa, quando ficou viúvo, a sua prole, algumas amas e pessoal doméstico.

Em meados da década de oitenta do século XIX começa a dedicar-se à pintura de azulejos, tendo sido discípulo de Ferreira das Tabuletas. Na época nos jornais falava-se destes dois artistas como os pais do renascimento do azulejo

português que estava a cair em desuso e que fora assim ressuscitado. Faz assim parte da geração historicista, revivalista e mais tarde já com influências arte nova e chega a ser director da fábrica Viúva Lamego. Em 1889 Pereira Cão parte para Paris e participa na Exposição Universal da cidade luz. Pinta o pavilhão português, trabalho em que alcança a medalha de ouro. No mesmo ano participa no certame da Indústria Nacional na Avenida da Liberdade, e que é promovido pela Associação Industrial Portuguesa.

A 12 de Junho de 1889 foi agraciado com o Grau de Cavaleiro da Ordem de Cristo (mais exactamente o Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo)¹¹. Foi amigo de Reis, em particular de D. Carlos I e de D. Amélia. Anos mais tarde aquele monarca quis, segundo memória familiar, torná-lo barão de Pancas. Pereira Cão recusou tendo dito: “Honrarias sem comedias, não!” Que lhe importava ser barão se vivia unicamente do seu trabalho, esforçando-se por manter a sua vasta prole, laborando sem parar, e não possuindo ou vivendo em nenhum palácio ou palacete, nem tendo nenhuma quinta ou qualquer outro tipo de propriedade senhorial?!

Já viúvo do seu segundo casamento Pereira Cão morre subitamente a 16 de Janeiro de 1921 quando vai visitar uma das suas filhas mais novas que morava na Rua Saraiva de Carvalho, em Lisboa. Morre muito próximo de completar os seus oitenta anos, tendo tido um percurso activo de artista de quase sessenta e oito anos, uma vida laboriosíssima e deixando uma vastíssima obra, pública e privada, de mais de cem edifícios por si pintados, de pintura de cavalete, como cenógrafo e como pintor azulejista. O seu funeral foi muito participado e teve bastante eco na imprensa da época. Nele esteve representado o Governo e o Concelho da capital, assim como altas individualidades de Lisboa. Pereira Cão era muito popular, como dissemos, e as notícias dos seus trabalhos decorativos eram presença assídua na imprensa da época. Em Lisboa foi tendo diversas casas, mas a sua última residência¹² foi na Baixa, na Travessa de S. Domingos, n.º 34, 1.º andar, edifício encostado à Igreja de S. Domingos, um vasto apartamento onde viveu com a sua mulher e a sua vasta descendência, casarão onde anos mais tarde se estabeleceriam os conhecidos Armazéns Braz e Braz. O seu último atelier foi na Rua de S. Bento, n.º 11. Os seus principais discípulos foram o setubalense Eloy Ferreira do Amaral, José Basalisa, Caetano Alberto Nunes, Jorge Maltieira e Victoria Pereira.

Pereira Cão teve um percurso activo muito longo e a sua obra atravessa dois séculos. Partindo de Setúbal muito novo tornou-se num conhecido pintor de expressão nacional, dedicando-se maioritariamente à pintura decorativa e à azulejaria, mas tendo sido também um pintor de cavalete (em particular nos momentos em que não possuía grandes encomendas dedicou-se à pintura de

11 Pereira Cão foi Presidente da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, era sócio efectivo da Sociedade de Geografia e membro honorário e de mérito de várias agremiações civis e católicas.

12 Vide Fran Paxeco, *Setúbal e as Suas Celebidades*, (s.l.), Oficinas S. N. de Tipografia, 1931, pp. 315-323.



Fig. 7 Retrato a óleo de José Maria Pereira Cão, de Félix da Costa, 1888. Coleção particular.



Fig. 8 Retrato de Maria Adelaide de Sousa Pereira de Victoria Pereira, uma das filhas mais novas de Pereira Cão, com o seu filho João Vasco de Victoria Pereira. Coleção particular.

pequenos quadros de flores, pássaros e de paisagens, obras hoje em dia difíceis de localizar (que se encontravam em coleções particulares), e cenógrafo (durante a sua juventude). O artista considerava-se um pintor genérico¹³, e dizia que era a única forma de poder manter-se num país com um reduzido mercado de arte. Foi um dos mais requisitados pintores da segunda metade do século XIX e inícios do século XX. Do Minho ao Algarve pintou palácios e palacetes, em vilas e cidades, em quintas; igrejas e capelas, santuários e bibliotecas, em edifícios do Estado, da Igreja ou de privados, pertença da família real, da antiga nobreza, da nova aristocracia de barões e viscondes surgidos durante o liberalismo e a Regeneração, de burgueses endinheirados, de médicos, advogados, juízes, intelectuais e políticos, em suma, da elite da sua época. Foi amigo e íntimo de muitos jornalistas, escritores, artistas, titulares e da família real e relacionava-se com um grande à vontade em qualquer meio social. Era conhecido o seu lado boémio, generoso e o seu sentido de humor acutilante.

O seu percurso artístico pode ser analisado em diversas fases: nas décadas de 50 e 60, como discípulo de Cinatti e Rambois, sendo cenógrafo e pintor-decorador; da década de 70 até 1921, já plenamente autonomizado, com uma vasta clientela, e como pintor-decorador e mestre azulejista (enquanto director da Fábrica Viúva Lamego); de 1904 (o ano em que a sua filha se casa com Victoria Pereira) até 1921, como tutor do seu genro, o militar de carreira e artista José Estevão Cacella de Victoria Pereira (1877-1952).

Vejamos uma listagem longa¹⁴ da sua obra, que não corresponde a um inventário ainda fechado (pois está ainda em progressão). Na obra pública, do Estado ou da Igreja podemos mencionar:

13 Vide ANTT – Coleção Castilho. cx 2, mçt.1, doc. 7, não numerado. Afirma neste documento Pereira Cão: “Foi trabalhosa e valiosíssima a minha vida – confessa Pereira; sentia-me contente por haver seguido os conselhos dos meus mestres, que muito me recomendaram não tentasse especialidades, e me não restringisse a um género só; um artista obrigado a viver num país pequeno, e de posses limitadas, como Portugal, tem de se aplicar a tudo; paisagem, flores, animais, natureza morta. Com essa orientação pude resistir a várias crises de falta de grandes obras e viver de pintar quadrinhos de flores e aves; dediquei-me ao estudo consciencioso de plantas e flores ornamentais e tive a minha consagração na Exposição de Paris de 1889, onde obtive medalha de ouro, conferida pelo mesmo jury que também a conferiu a Bordalo Pinheiro (filho) pela originalidade das suas louças”. Foi mantida nesta transcrição a ortografia da época. Pereira Cão foi também um especialista no *trompe l’oeil*, nos claros escuros, nos ornatos, na pintura de flores e pássaros e um exímio decorador que dominava todos os estilos e épocas: Pompeiano, Etrusco, Renascença, Luís XV, Luís XVI, neo-árabe, um pintor do romantismo, entre os anos da Regeneração e a Primeira República.

14 Vide, para acrescentar, uma listagem feita por Júlio de Castilho e que vem descrita no artigo de Miguel Montez Leal e que contempla ainda outros edifícios: “Palácios Oitocentistas em documentação inédita de Júlio de Castilho”. In *A Cidade de Évora, Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora*, III Série, Nº 1, 2016, pp. 172.

No Palácio da Ajuda (os restauros e novos trabalhos de decoração); na biblioteca da Ajuda, a decoração das três salas; no Palácio das Necessidades (os restauros das paredes da sala de jantar); nas antigas Cortes (actual Palácio de S. Bento), pintou a Câmara dos Deputados, o Gabinete da Presidência e a Sala do Bufete; no Palácio do Alfeite (o tecto da sala de jantar); nos Paços do Concelho de Lisboa (a cúpula e os tectos do Salão Nobre); no Supremo Tribunal de Justiça; no Tribunal da Relação; no Hospital de S. José (o vestíbulo); na Igreja da Graça; na Igreja do Campo Grande (dos Santos Reis) e capelas do mesmo templo; nas Igrejas da Ajuda e dos Santos Fiéis de Deus); na Igreja de São Roque (restauros); o retábulo da Igreja de S. Jorge de Arroios; na Igreja dos Mártires; na Capela do Amparo (em Benfica); na Capela do Santíssimo de Santa Isabel; na Capela de São Pedro (em Caneças); na Igreja do Seixal; na Capela da Graça (em Benavente); na Igreja de S. Vicente (em Braga); na Igreja de Santa Cruz (em Braga); na Capela de São Pedro (em Palmela); na Igreja Matriz do Seixal; na Capela de São Saturnino (em Fanhões); no Santuário da Carregosa; na capela do Palácio Calheiros (em Ois do Bairro); no Hospital de São José (o vestíbulo) e em muitos outros trabalhos.

No âmbito das encomendas particulares: nos palácios dos Duques de Palmela, ao Calhariz, no Lumiar e em Azeitão; no de D. Luís Carneiro, irmão do Conde de Cavaleiros (à Anunciada); no Palácio de Joaquim Pereira da Costa (Visconde de Coruche); no Palácio de Bessone e de Iglésias no Largo da Biblioteca, em Lisboa; no Palácio do Conde de Fontalva (António Lopes Ferreira dos Anjos), a S. Mamede; no Palácio do Marquês de Viana, ou Marquês da Praia e Monforte (no Largo do Rato, em Lisboa); no Palácio de Flamiano Anjos (à Praça dos Restauradores); no Palácio do Conde da Penha Longa e Olivais (ao Pau da Bandeira, em Lisboa); no Palácio Alves Machado, depois Cerqueira (na Rua do Salitre, em Lisboa); no Palácio do Dr. Rebelo da Silva (o antigo palácio do Conde da Silvã), a S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa; no Palácio da Luz; no Palacete de José Ribeiro da Cunha (pai), na Praça do Príncipe Real, em Lisboa; na casa de José da Costa Pedreira (no Príncipe Real); na casa de Antunes Basto (na Avenida da Liberdade); na casa de José Félix da Costa (na Avenida da Liberdade); na casa de João Ferreira Lopes (na Avenida da Liberdade); na casa de José Rodrigues da Silva (na Avenida da Liberdade); no Palacete de Cipriano Calleya (na Avenida da Liberdade); no Palacete da Baronesa Samora Correia (na Avenida da Liberdade); no palacete do barão de Almeida Santos (a S. Pedro de Alcântara); na casa de António Francisco Ribeiro Ferreira (na Rua Barata Salgueiro); nos dois palacetes do conselheiro Morais Carvalho (na Rua Mouzinho da Silveira); no palacete de D. Andreolina Gomes dos Santos (na Rua D. Pedro V); no Palacete do Comendador José Nunes Teixeira (antigo Palácio Pinto Basto, no Largo do Chiado, em Lisboa); nos Palacetes Sampaio e Ribeiro Ferreira (na Rua do Salitre); na Casa Sampaio (na Rua do Salitre); no Palacete Alto Mearim (contíguo ao palacete Alves Machado, na Rua do Salitre);



Fig. 9 Vista do Palácio da Pena. Pintura mural da escadaria do Palacete Alves Machado. Pereira Cão, 1889. Foto do autor.

na casa de João Paulo Cordeiro (ao Chiado); no palacete Alves de Sá (a S. Caetano, em Lisboa); na casa de Francisco Simões Margióchi (a S. Caetano); no Monte Estoril, decorou o chalet de Carlos Anjos, depois Sommer e o chalet de Alberto Monteiro (denominado Telha Verde); no Palacete e capela do Dr. Oliveira Feijão (médico particular do Rei D. Carlos), na quinta da Mafarra, Azóia, em Santarém; na capela do negociante Alexandre da Silva Telhada (em Santarém); no Palácio da Condessa de Junqueira (em Almeirim, na Quinta da Alorna); no Palacete do Dr. Costa Lobo, na Rua dos Coutinhos, em Coimbra; no Paço do Bispo-Conde, em Coimbra; no Palacete do estadista Lopes Branco (na Maiorca, Figueira da Foz); no Palacete do Largo do Carmo (em Braga); no Palácio do Visconde de S. Lázaro, o Palácio do Raio (em Braga); no Palácio de José Maria Rodrigues Carvalho (em Braga); no Palácio do Dr. João Evangelista de Sousa Torres e Almeida (próximo do Bom Jesus, em Braga); no Palácio do Dr. Francisco de Campos (na Praça de Santana); no Palácio do Dr. João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, e no Palácio do Dr. Rasqueja, ambos em Braga; no palácio de José António Gonçalves (em Caldelas); no chalet Barbosa Collen e no chalet Vaz Simões, ambos no Luso; na Casa La-Roque (à Rua de Vilar, no Porto); na casa de Tomé Joaquim Dias (em Campanhã); no Palácio da Bolsa (a sanca do vestíbulo), no Porto; no Clube de Beja; na Casa Pia (em Beja); no Palácio Gomes Palma (em Beja); no Palacete do Visconde da Corte (em S. Brissos, arredores de Cuba); no Palacete do Visconde da Esperança (em Cuba); as decorações da firma Biester, Falcão & Cia (em Sines); no edifício O Grande Salão de Recreio do Povo (em Setúbal), em 1907, com a decoração intitulada “Um Sonho Verde”; no Palácio do Visconde de Estói (arredores de Faro e actual Pousada de Portugal); no palacete de Marçal Pacheco, na Quinta

da Fonte da Pipa (em Loulé); no Palacete Magalhães Barros (actual Hotel da Bela Vista, Praia da Rocha, Portimão), com tectos da sua autoria e azulejos da autoria do seu genro Victoria Pereira; numa pastelaria da Rua D. Pedro V; na pastelaria Ferrari (no Chiado, perdida no incêndio de 1988); no Teatro Apolo (em Lisboa, demolido em 1956); no Teatro Rosa Damasceno, em Santarém (demolido para ser substituído por um novo teatro, com o mesmo nome, mas de traça modernista); na decoração no depósito das máquinas Singer...

No campo da azulejaria: dois painéis, *A Chegada e A Partida dos Painéis de Santa Auta*, na Igreja do Convento da Madre Deus; na capela e pátio de honra da quinta da Cardiga, de Luis Sommer; na quinta cartaxense da Fontebela, de António Francisco Ribeiro Ferreira; no Colégio Militar, na Luz; na Casa do Nobel, Egas Moniz; no Palacete Centeno; no palácio Azarujinha; na ribeira do Jamor que atravessa os jardins do Palácio de Queluz; no pátio do Palácio da Rosa (dos Marqueses de Castelo Melhor); no asilo do Infante D. Afonso, em Odivelas; na capela e nos jardins do palácio do visconde de Estói; na capela do Casal do Farto (perto da Serra de Mira d'Aire, Torres Novas); na Igreja de Carcavelos; no Hospital de Santa Marta ...

O PORQUÊ DO NOME PEREIRA CÃO

No século XIX não havia ainda regras fixas na transmissão dos apelidos. José Maria Pereira Júnior, único filho varão entre quatro irmãs, herdou o nome próprio do pai 'José Maria' e apenas lhe passaram o Pereira do pai e não o Costa da mãe, passando a ser Pereira Júnior, para se distinguir de Pereira Sénior, seu pai. Durante muitos anos Pereira Cão assinava Pereira Júnior, mas como no século existiam muitos Juniores, parece que o artista não apreciava esse facto. Decidiu então inventar um nome artístico, Pereira Cão, que era muito mais forte e lhe dava mais carisma ao nome, com que passou a assinar grande parte da sua obra azulejística. Pelo lado do seu pai Pereira Cão sabia e dizia descender da família do navegador Diogo Cão, tal como nos conta numa carta¹⁵ que escreve a Júlio de Castilho, seu amigo pessoal: "(...) sou filho d' um artista que militou 13 anos desde 1821 até 1834 – afilhado e protegido do General Póvoas, 1º Sargento do Corpo de Artífices Engenheiros e convencionado Évora Monte, se refugiou no Solar dos Cãem, Villa Real de Traz os Montes onde então possuía restos d'um património que a sorte da guerra o esbulhou". O seu pai, embora já nascido em Setúbal, tinha raízes familiares em Vila Real de Trás-os-Montes donde se conhece um ramo da família Cão,

15 Cf. Carta de Pereira Cão a Júlio de Castilho, ANTT, Coleção Castilho. cx 5, mç 1, nº 41, datada de 19 de Julho de 1912. Também D. Alberto Bramão (da Academia das Ciências de Lisboa) ao traçar numa revista de sociedade, num artigo intitulado Bel=canto no mundanismo, o perfil da senhora D. Adelaide de Victoria Pereira (filha de Pereira Cão, casada com o coronel Victoria Pereira), afirma: "Possuindo um timbre de prestigiosa tonalidade e o valor musical que lhe dá o pleno domínio da sua arte, a senhora d. Adelaide de Victoria Pereira representa na sociedade portuguesa uma individualidade de alto relevo, vivendo numa atmosfera espiritual, ao lado do seu marido, grande artista decorador e ceramista, e com a tradição de seu pae, o notável pintor Pereira Cão, descendente da família ilustre em que figura com brilho, no épico período dos descobrimentos, Diogo Cão – o celebre navegador". Optámos por manter a ortografia da época.

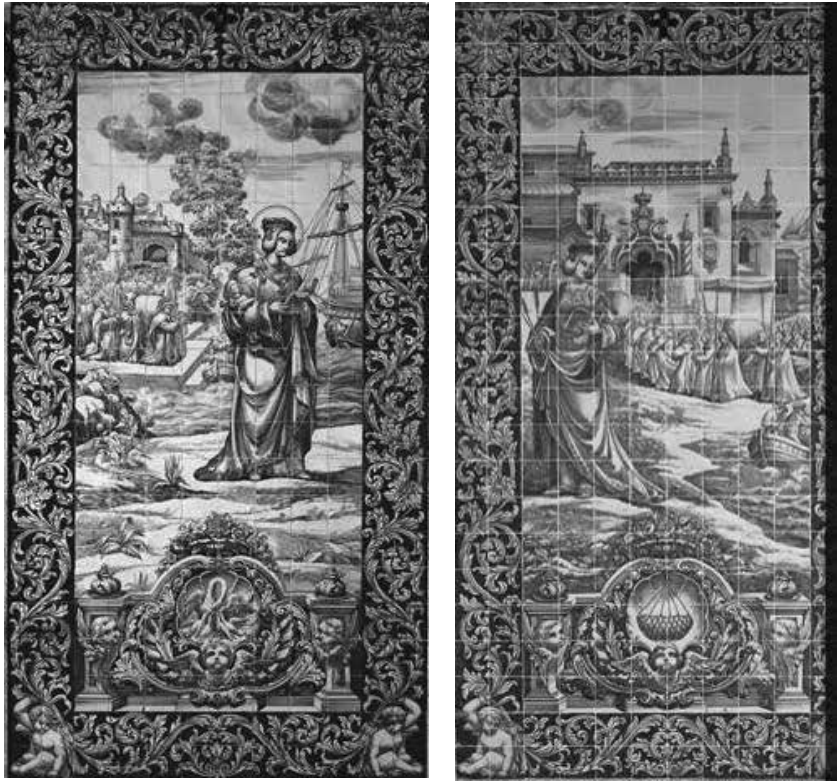


Fig. 10 Painéis de azulejos retratando A Partida e A Chegada das Relíquias de Santa Auta, Pereira Cão. Igreja do Convento da Madre Deus, Lisboa.

e apenas regressou a Setúbal após a derrota miguelista, como vimos. Pereira Cão foi buscar o apelido Cão aos seus antepassados e foi com este nome que viria a ficar conhecido como artista. Nos painéis de azulejos que compôs e que restaurou nos jardins do Palácio de Queluz, assim nos surge o seu nome, tal como em muitas outras obras que foi realizando pelo país fora.

O seu nome e a sua obra têm vindo a ressurgir nos últimos anos, pois as temáticas do estudo da casa, do palácio, do palacete, das artes decorativas começam finalmente a ganhar força nos estudos de História de Arte em Portugal. Em 2021 cumprem-se os cem anos da morte deste artista setubalense, mas que se tornou num pintor de referência nacional e não apenas local¹⁶.

E não nos alongando muito mais, ao puxar o fio do novelo da obra de Pereira Cão, gostaríamos que paulatinamente fosse sendo feita luz sobre a sua produção artística, e que seja dado a conhecer o imenso universo de palácios e palacetes da sua autoria e o impacto que tiveram no seu tempo no campo da pintura decorativa portuguesa.

16 Como vimos em Setúbal realizou um trabalho decorativo para o Salão Recreativo do Povo, e nas suas imediações, no Calhariz, fez trabalhos ao lado de Cinatti e Rambois, para o palácio dos Duques de Palmela, em Azeitão; um pouco mais afastado, mas fazendo parte do mesmo *hinterland*, realizou as pinturas da Igreja Matriz do Seixal.

FONTES

ANTT – Coleção Castilho. cx 2, mçt 1, doc. 7, não numerado.

ANTT – Coleção Castilho. cx 5, mçt 1, nº 41, não numerado.

PEREIRA, João Manuel Esteves; RODRIGUES, Guilherme – *Portugal, Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*. Lisboa: João Romano Torres, 1904-1915, Vol. V.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa: Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, (s.d.) Vols. 5, 6 e 21.

PAMPLONA, Fernando – *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*. Lisboa: Oficina Gráfica Limitada, 1957. Vol. 4.

TANNOCK, Michael – *Portuguese 20th Century Artists. A Biographical Dictionary*. (s.i.): West Sussex, Philimore & Co Ltd., 1978.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:

LEAL, Miguel Montez – “Cinatti, Rambois e Pereira Cão e a Pintura Decorativa do Palácio Angeja-Palmela no Paço do Lumiar”. In *Espacio, Tiempo y Forma Historia del Arte*. 18-19(2005-2006) pp. 195-207. (Serie VII).

LEAL, Miguel Montez – Pereira Cão e a Pintura Decorativa da Cúpula dos Paços do Concelho de Lisboa. In *Ar: Cadernos de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*. 6 (2006) pp. 138-143.

LEAL, Miguel Montez – “A Pintura Decorativa do Palacete Alves Machado: um estudo de caso”. In *A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX), Anatomia dos Interiores*. Lisboa: Instituto de História de arte da FCSH – Universidade Nova de Lisboa; Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2014. pp. 502-515.

LEAL, Miguel Montez – “Palácios Oitocentistas em documentação inédita de Júlio de Castilho”. In *A Cidade de Évora*, Boletim de Cultura da Câmara Municipal de Évora, III Série, Nº 1, 2016. pp. 166-175.

PAXECO, Fran – *Setúbal e as Suas Celebidades*. (s.l.): Oficinas S. N. de Tipografia, 1931.

PAXECO, Óscar – *Roteiro do Tríptico de Luciano*. Lisboa: Neogravura, 1957.

ACTAS DE CONGRESSOS

LEAL, Miguel Montez – “Manini e Pereira Cão. Cenografia e Pintura Decorativa no Palácio da Bolsa do Porto”. In *CONGRESSO O PORTO ROMÂNTICO, 2, 2014 – Actas do II Congresso o Porto Romântico*. 2014.

LEAL, Miguel Montez – “O Programa Decorativo Azulejar do Pintor Pereira Cão para o Pátio do Palácio da Rosa, Propriedade dos Marqueses de Castelo Melhor”. In *CONGRESSO INTERNACIONAL A CASA NOBRE: UM PATRIMÓNIO PARA O FUTURO*, 4, Arcos de Valdevez, 2014 – Actas do IV Congresso Internacional, a Casa Nobre: um Património para o Futuro. 2014b.

TESES DE MESTRADO

LEAL, Miguel Montez – *A Pintura a Fresco entre Dois Séculos: Pereira Cão (1841-1921) e a Pintura Decorativa em Portugal*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2006. Tese de Mestrado em História da Arte Contemporânea.

NOTAS BIOGRÁFICAS E CURRICULARES DOS AUTORES

ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA

Historiadora de Arte; doutorou-se em História de Arte Moderna na Universidade Aberta onde é Professora Auxiliar e vice-coordenadora do Mestrado em Estudos do Património. As suas áreas de investigação e ensino são as Artes Decorativas, o Património artístico dos séculos XVII e XVIII. É investigadora integrada do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da Universidade de Évora e colaboradora do Centro de Investigação e Tecnologia das Artes - Universidade Católica. Escola das Artes – Universidade Católica Portuguesa – (CITAR) (Linha de Artes Decorativas) e da ARTIS - Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (linha Rede de Investigação em azulejo).

Tem como principais áreas de trabalho os séculos XVII e XVIII nas Artes Decorativas, Iconografia, Cenografia, Arquitetura civil e História Urbana, destacando-se a Azulejaria. Neste âmbito tem publicado diversos estudos e livros e realizado conferências no estrangeiro e em Portugal.

ANA CLÁUDIA SILVEIRA

Ana Cláudia Silveira licenciou-se em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1994, encontrando-se atualmente a preparar uma dissertação de doutoramento em História Medieval, desenvolvendo investigação sobre Setúbal sob orientação da Professora Doutora Amélia Aguiar Andrade.

É membro do Instituto de Estudos Medievais (FCSH/NOVA) e integra a equipa da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”, que funciona sob coordenação do CHAM – Centro de Humanidades (FCSH/NOVA).

Desempenha funções como técnica superior na Câmara Municipal do Seixal desde 2000, onde tem desenvolvido investigação e projetos expositivos relacionados com o Moinho de Maré de Corroios. Entre 2004 e 2006, coordenou o projeto internacional “Moinhos de Maré do Ocidente Europeu”, financiado pelo Programa Cultura 2000 da Comissão Europeia.

Tem publicado diversos artigos centrados na organização e desenvolvimento dos espaços litorais, na gestão territorial promovida pela Ordem Militar de Santiago nos seus domínios e na relação da instituição com outras esferas de poder. Recebeu, em 2016, o Prémio de História Alberto Sampaio com o trabalho “Lavar o Mar: a dinâmica da produção de sal em Setúbal no contexto dos salgados portugueses. Etapas de uma afirmação internacional” e, em 2017, foi-lhe atribuído o prémio Doutor José Silva Maltez do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão (CIJVS) pelo ensaio “Testemunhos históricos sobre a evolução da linha de costa em Portugal”.

ANA DUARTE RODRIGUES

Ana Duarte Rodrigues é professora no Departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. É investigadora do CIUHCT, e editora responsável pela revista *Gardens & Landscapes*, publicada pela Sciendo. É a investigadora principal do projeto ‘Sustainable Beauty for Algarvean Gardens: Old Knowledge to a Better Future’ (IF/00322/2014) e do projeto ‘Horto Aquam Salutare: O uso eficaz da gestão da água nos jardins da Idade Moderna’ (PTDC/HAR-HIS/28627/2017), financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Tem publicado extensivamente na área de jardins e paisagem sob a perspetiva da História das Ciências e da Tecnologia.

ANA LÚCIA BARBOSA

Arquiteta, frequenta em 2015 o Curso de Doutoramento em Arquitectura do IST-Universidade de Lisboa. Em 1999 termina o Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico da Universidade de Évora. Em 1989 conclui a Pós Graduação no Curso de Patologia Reabilitação e Manutenção de Estruturas e Edifícios, no IST. Em 1988 licencia-se em Arquitectura pela FA-UTL.

Actualmente desenvolve a actividade de Projectista de Arquitectura e de Coordenação de Projectos na Câmara Municipal de Lisboa onde foi galar-dada em 2018 com o Prémio Nacional de Reabilitação Urbana, na categoria Impacto Social, com a obra de adaptação parcial do extinto Tribunal da Boa-Hora na Escola Maria Barroso, em 1998 com o 1º Prémio do INH e em 2001 com a Menção do Júri, com as obras do PER do Bairro do Bom Pastor em Benfica, primeira e segunda fase de intervenção respectivamente. De 2001 a 2003 encontrou-se requisitada ao IPPAR onde desenvolveu diversos Projectos de Salvaguarda do Património Arquitectónico. De 2002 a 2011 foi docente no Curso de Arquitectura do ISCTE-IUL, onde leccionou e coordenou disciplinas de Projecto de Arquitectura, do Mestrado em Reabilitação Urbana e Arquitectónica e do Mestrado Integrado em Arquitectura.

ANTÓNIO CUNHA BENTO

António Cunha Bento (n. 1946, Setúbal) possui o Curso Superior de Organização e Gestão de Empresas, desempenhou a sua actividade profissional nas áreas de Recursos Humanos e Financeira no ramo da indústria naval, tem prestado colaboração a várias publicações ligadas à região de Setúbal e é sócio de diversas associações da área cultural, integrando os Corpos Sociais da LASA – Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, CEB – Centro de Estudos Bocageanos, Associação Cultural Sebastião da Gama, Clube de Coleccionismo de Setúbal.

É co-autor com João Reis Ribeiro, *Imagens da Península da Arrábida no século XIX – O Panorama (1837-1868) e Archivo Pittoresco (1857-1868)*, LASA, 2004; com vários autores, *Património Azulejar de Setúbal e Azeitão*, LASA, 2008; com vários autores, *Património Azulejar Religioso de Setúbal e Azeitão*, Volume I, LASA, 2009; com Carlos Mouro e Horácio Pena, *Domíngos Garcia Peres um setubalense do coração*, LASA, 2012.

BRUNO FERRO

Bruno Ferro (1977) é natural de Setúbal. Terminou, em 1999, o curso profissional de fotografia, no Instituto Português de Fotografia, tendo-se especializado em seguida em conservação de fotografia antiga e preservação de coleções fotográficas, tendo tido como mestre o especialista Luís Pavão.

Trabalha no Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, do Serviço Municipal de Bibliotecas e Museus da Câmara Municipal de Setúbal, desde o ano 2000, onde tem sido o responsável técnico pela gestão do projeto de conservação da sua coleção fotográfica. Desde 2006, acumula esta função com a coordenação e programação da Casa Bocage. Atualmente, encontra-se em fase de conclusão da licenciatura em Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CARLOS Mouro

Frequentou o Curso de História (FLL). Desde há muito que tem interesse pela História Local, nomeadamente pela História de Setúbal. Tem publicados alguns textos sobre o tema (individualmente ou em parceria). De entre esses destaca: Mouro, Carlos e Albérico Afonso Alho, “Linhas de evolução da indústria conserveira em Setúbal”, *Estudos locais. Actas do 1.º Encontro de Estudos Locais do Distrito de Setúbal*, Vol. 2, ESE/Instituto Politécnico de Setúbal, 1990, pp. 17-44; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Para a história da iluminação pública em Setúbal*, Setúbal, Universidade Popular de Setúbal, 1997; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Lugar de memória e símbolo de poder. A reconstrução do pelourinho de Palmela em 1907”, in: Ernesto Castro Leal, Odília Castro Leal, Horácio Pena e Carlos Mouro, *Da supressão à restauração do concelho de Palmela. Conjecturas e símbolos*, Palmela, Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, 1998; Mouro, Carlos, “O Teatro Bocage”, página do Centro de Estudos Bocageanos, in: *O Setubalense*, 25 de Julho e 29 de Agosto de 2001; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Bocage: Os lugares da memória*, Setúbal, Câmara Municipal, 2005; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Carlos Alberto Ferreira Júnior (1906-1997). Um pintor de palavra(s)*, Azeitão, 2006; Mouro, Carlos, “Arronches Junqueiro (1868-1940). A propósito do 140.º aniversário de nascimento”, *O Setubalense*, 26 de Março de 2008; Mouro, Carlos, “Gomes Cardim – um músico setubalense entre Portugal e o Brasil”, *O Setubalense*, 28 de Maio de 2008 (Página do CEB); Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Setúbal e os alvares do republicanismo”, *Setúbal 1909. A cidade e o Congresso do Partido Republicano*, Setúbal, CMS, 2009; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “A

primeira República e a toponímia”, in: Albérico Afonso (coord.), *Roteiros Republicanos. Setúbal*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 92-98; Mouro, Carlos, “Biografias”, in: Albérico Afonso (coord.), *Roteiros Republicanos. Setúbal*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 99-113; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “Um colecionador de utilidades: António Casimiro Arronches Junqueiro (1868-1940)”, *Musa. Museus, Arqueologia & outros patrimónios*, n.º 3, Setúbal, Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), 2010, pp. 257-278; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Para a história do Club Setubalense (1855-2010)*, [Setúbal], [Club Setubalense], [2011]; Mouro, Carlos, António Cunha Bento e Horácio Pena, *Domingos Garcia Peres (1812-1902). Um setubalense pelo coração*, Setúbal, Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, 2012; Mouro, Carlos e Horácio Pena, “O Padrão de Santo Agostinho. Significações de um esquecido monumento setubalense”, *Movimento Cultural*, Associação de Municípios da Região de Setúbal, 2014, pp. 90-102.

Tem inéditos os seguintes trabalhos: Mouro, Carlos, *A construção da memória social bocagiana. As comemorações em Setúbal, (1864-2005)*, 2 Vols., Setúbal, 2006; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Desenhar a luz. A fotografia em Setúbal (1859-1910)*, Setúbal, 2007; Mouro, Carlos, *Para a história da I República em Setúbal. A Revolução Toponímica (1910-1926)*, Setúbal, Fevereiro de 2007; Mouro, Carlos, *João Pedro Gomes Cardim (Setúbal, 11.9.1832 – S. Paulo, 30.4.1918). Um músico entre Portugal e o Brasil*; Mouro, Carlos, *Subsídios para o conhecimento da actividade litográfica em Setúbal (1893-1988)*; Mouro, Carlos e Horácio Pena, *Setúbal e o cinema*.

CARLOS TAVARES DA SILVA

Arqueólogo e pré-historiador. Autor de vasta obra publicada: catorze livros e mais de duzentos artigos em órgãos da especialidade, nacionais e estrangeiros. Co-director da revista “Setúbal Arqueológica”. Tem proferido numerosas conferências e organizado cursos e seminários. Investigador do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa e do CEA do MAEDS. Preside à Comissão Científica da Estação Romana de Tróia. Membro da Academia Portuguesa da História. Dirige as Unidades de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines e do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. Coordenou o Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, museu de que foi co-fundador. Exerceu funções docentes no domínio da Pré-história na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Universidade Aberta e Instituto Universitário Ortega y Gasset (Madrid). Tem integrado júris de mestrado e doutoramento na FLUL e FCSH/UNL. Membro de comissões organizadoras e científicas de congressos nacionais e internacionais; da Comissão Organizadora e Conselho Consultivo do Instituto Português do Património Cultural (IPPC); das Comissões Instaladora e Científica do Parque Natural da Arrábida. Recebeu o Prémio Gulbenkian de Arqueologia/2004, a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal/1992, a distinção de Profissional do Ano 2018-2019 do Rotary Club de Setúbal.

CÉSAR MEXIA DE ALMEIDA

Médico estomatologista doutorado na área da Medicina Preventiva e Saúde Pública pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (UL). Professor catedrático aposentado de Medicina Dentária Preventiva da Faculdade de Medicina Dentária da UL.

DIOGO FERREIRA

Licenciado em História (2010-2013) e Mestre em História Contemporânea (2013-2015) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação “Setúbal e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918)”, orientada cientificamente pela Professora Doutora Maria Fernanda Rollo. Presentemente encontra-se a desenvolver uma tese doutoral intitulada “Setúbal entre Guerras (1919-1945): Um itinerário de história local”, sendo bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/131519/2017). Entre crónicas no jornal *O Setubalense* e comunicações em congressos, publicou, em co-autoria, os livros *História de Portugal e A Vida e os Feitos dos Navegadores ao serviço de Portugal (1419-1502)*, da colecção «O que todos precisamos de saber» na Verso de Kapa, e *Os Combatentes do Concelho de Setúbal na Grande Guerra em França (1917-1918)*. Publicou a sua tese de mestrado junto da editora Estuário. Integrou a equipa de investigação do projeto “História dos 250 anos da Imprensa Nacional”.

FRANCISCA RIBEIRO

Licenciada em História, com Variante em História da Arte (1987), pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pós-graduada em Museologia pelo ISMAG (Instituto Superior de Matemática e Gestão) e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Lisboa (1995). Técnica superior da Câmara Municipal de Setúbal, desempenha funções no Museu de Setúbal/Convento de Jesus desde 1988. A sua atividade profissional inclui a participação em variados e distintos projetos culturais, patrimoniais e educativos do Serviço dos Museus Municipais. Exerce funções de conservadora/museóloga, gerindo as coleções de arte do Museu de Setúbal/Convento de Jesus e projetando e/ou coordenando e/ou comissariando (e secretariando) exposições nas áreas da História da Arte, História Local e Artes Plásticas. Nesse contexto, entre outras funções, inventaria, pesquisa e estuda, os bens culturais incorporados no acervo de Arte do Museu, e redige documentação técnica de cariz interno, mas também, pontualmente, textos de divulgação das coleções e de contextualização histórica, artística, patrimonial, em conformidade com as temáticas expositivas, com destaque para a coordenação do Catálogo dos “50 Anos do Museu de Setúbal Convento de Jesus (1961-2011)”.

HÉLDER CARITA

Arquitecto. Doutoramento em História da Arte Moderna – arquitectura e urbanismo, com o tema «Arquitectura Indo-Portuguesa na Região de Cochim e Kerala, modelos e tipologias do séc. XVI e XVII». Investigador do Instituto de História da Arte da FCSH-UNL, divide os seus domínios de investigação entre arquitectura e urbanismo sendo uma das suas áreas privilegiadas a arquitectura civil. Entre as suas mais significativas obras publicadas destacam-se: *A Casa Senhorial em Portugal*, Lisboa, Leya, 2015; *Arquitectura Indo-Portuguesa na Região de Cochim e Kerala*, Lisboa, Transbooks, 2008. Ed. Inglesa: *Indo-Portuguese Architecture in Cochim and Kerala*, New Dely, Transbooks. 2009; *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1496-1521)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1999; *Os Palácios de Goa - Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-portuguesa*. Ed. Quetzal, Lisboa, 1995. Ed. Francesa - *Les Palais de Goa*. Ed. Michel Chandaigne: Paris, 1996. Ed. Inglesa *Palaces of Goa*. Ed. Cartago, London. 1999; *Le Palais de Santos*, Ed. Michel Chandaigne, Lisboa, 1997; *Jardins em Portugal - Tratado da Grandeza dos...*, Ed. de Autor, Lisboa, 1987, Ed. Inglesa - *Gardens of Portugal*. Antique Collector's Club, London, 1989.

HUGO O'NEILL

Hugo O'Neill, é um consultor financeiro registado, detém uma post-graduação em Direcção de Empresas pela AESE (1979) detém o grau de Master of Arts *honoris causa* pela National University of Ireland de Galway (2004), é Presidente da Direcção da Associação Portuguesa das Casas Antigas e Governador da European Historic Houses Association, é membro do Conselho Coordenador do Forum do Património.

Colaborou com o Centro Nacional de Cultura na preparação do Congresso da Europa Nostra de Junho de 2012 em Lisboa, com uma apresentação sobre o estado do património abrangendo as casas históricas de Portugal. Preparou, em Março de 2013, a nomeação do Convento de Jesus ao Programa da Europa Nostra e EIB Bank Institut - 7 Most Endangered Sites in Europe que foi aceite por unanimidade. Preparou em colaboração com a Associação dos Jardins Históricos e com o Gabinete de Arquitectura Paisagista da Professora Cristina Castel-Branco a candidatura da Quinta das Machadas ao Fundo EEA Grants. É Vice-Presidente da A7M – Associação do Festival de Música de Setúbal em representação do Helen Hamlyn Trust de Londres. Nesta última qualidade colaborou na montagem do projecto de recuperação do Forte de Albarquel financiado pela HHT e cuja obra se inicia em Abril corrente.

INÊS GATO DE PINHO

Inês Gato de Pinho é licenciada em Arquitectura (UM 2004), mestre em Arquitectura com especialização em Reabilitação Urbana e Arquitectónica (ISCTE-IUL 2012) e doutoranda em Arquitectura no Instituto Superior Técnico/Universidade de Lisboa.

Estagiou na Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e na Câmara Municipal de Setúbal. Trabalhou como *freelancer* entre 2006 e 2015, período no qual colaborou com o atelier Soraya Genin – Arquitectura e Restauro e onde desenvolveu trabalhos de investigação, projecto e acompanhamento de obras de restauro e reabilitação (Moinho de Maré de Corroios, Palácio de Santos, Liceu Francês Charles LePierre, Igreja de S. Luís dos Franceses e Assembleia da República).

É membro da SPEHC (*Sociedade Portuguesa de Estudos de História da Construção*) e da SIEJ (*Sociedade Internacional de Estudos Jesuítas*). É investigadora (membro colaborador) no CERIS — *Civil Engineering Research and Innovation for Sustainability* do Instituto Superior Técnico/Universidade de Lisboa, onde desenvolve a tese de doutoramento em Arquitectura, intitulada “*Modo Nostro*” e a *especificidade da Arquitectura dos colégios da Companhia de Jesus da Província Portuguesa. Do período filipino à expulsão dos jesuítas (1580-1759)*, apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/110211/2015).

É autora e co-autora de artigos e livros relativos à história local e História da Arquitectura Portuguesa.

JOÃO BERNARDO GALVÃO TELES

João Bernardo Galvão Teles, sócio da LMT Consultores em História e Património, é licenciado em Direito, académico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio efectivo do Instituto Português de Heráldica, sendo actualmente redactor da sua revista *Armas e Troféus* (publicação fundada em 1932). Foi subdirector do Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos da Universidade Lusíada de Lisboa (1998-2011) e exerceu o cargo de secretário-geral da Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (2002-2013). É autor de diversos livros e artigos científicos, desenvolvendo a sua actividade académica sobretudo nas áreas da História Social, História da Família e História do Património. Foi galardoado com o Prémio Instituto Português de Heráldica em 2002 e 2005. Como consultor, tem trabalhado com especial incidência na área do património imobiliário, quer para sociedades de advogados, quer para projectistas, promotores e investidores imobiliários, quer ainda para diversas entidades nos sectores do turismo e vinhos de quinta.

JOÃO SANTOS

Licenciado em Ciência Política (2010-2013) pelo ISCTE-IUL e Mestre em História Contemporânea (2014-2017) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa com a dissertação “‘Somos Operários, é Malta do Ferro’ – Desindustrialização, Classe e Memória Operária em Setúbal”, orientada cientificamente pelo Professor Doutor José Neves. Actualmente encontra-se no primeiro ano de doutoramento em História onde está a desenvolver o seu projeto de tese intitulado “Industrialização e Desindustrialização na Região de Setúbal – Para uma História Cultural do Trabalho”.

JOÃO VIEIRA CALDAS

Licenciado em Arquitectura (ESBAL, 1977), Mestre em História de Arte (FCSH-UNL, 1988) e Doutoramento em Arquitectura (IST-UTL, 2007). Dividiu a sua actividade profissional entre a prática da arquitectura, o ensino, a investigação e a crítica. Trabalhou em projectos de intervenção no património construído e participou em inventários e estudos sobre o Património Arquitectónico e Urbano. Actualmente é professor de História e de Teoria da Arquitectura no Mestrado Integrado em Arquitectura do IST, lecciona no Curso de Doutoramento em Arquitectura do mesmo Instituto onde também se dedica à investigação no quadro do CITUA. Tem predominantemente investigado, publicado artigos e livros, comissariado ou co-comissariado exposições e orientado teses de mestrado e de doutoramento nos domínios do património arquitectónico, da arquitectura portuguesa das épocas moderna e contemporânea e da história da arquitectura doméstica (urbana ou rural, erudita e vernácula).

JOAQUINA SOARES

Doutorada em História, especialidade Pré-História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Curso de mestrado em planeamento urbano e desenvolvimento regional na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; pós-graduação em museologia na Universidade Lusófona; Licenciatura em Geografia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/AMRS; Investigadora integrada do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Coordenadora da plataforma museológica FIDS e da revista “Musa. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios”; co-directora da revista “Setúbal Arqueológica”; membro do conselho consultivo da APOM; membro de júri de avaliação científica da FCT; arguição de teses de mestrado e doutoramento. Directora de várias dezenas de intervenções arqueológicas e de projectos de investigação em Pré-história holocénica, Arqueologia urbana e de salvamento, Arqueologia social e regional. Extensa obra publicada, quer sob a forma de livros, quer de artigos em revistas da especialidade nacionais e estrangeiras. Foi professora de Pré-história, Proto-história e mestrado na FCSH/ UNL e na FLUL. Para mais informação ver: http://maeds.amrs.pt/informacao/Joaquina_Soares_CV_2018.pdf.

MANUELA TOMÉ

Em 2015 obteve o grau de Doutor em Arquitectura pela U. Beira Interior, com a tese *SETÚBAL: Topologia e Tipologia Arquitectónica (séc. XIV - XIX) – Memória e futuro da imagem urbana*. Em 1996 obteve o grau de Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela U. Évora, com a dissertação *Mosteiro de S. Dinis de Odivelas – Estudo Histórico Arquitectónico, Acções para a Sal-*

vaguarda do Património Edificado. Em 1984 obteve o de Curso de Pós-Graduação em Planeamento Urbanístico pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Em 28 de Julho de 1977 concluiu a Licenciatura em Arquitectura (seis anos) pela Escola Superior de Arquitectura de Lisboa (ESBAL).

De 1975 a 1979 foi professora no ensino secundário, tendo leccionado a disciplina de Educação Visual. Em 1979 iniciou a sua actividade de arquitecta na Câmara Municipal de Palmela. Em 1983 passou a exercer funções na Câmara Municipal de Vila Viçosa onde desempenhou o cargo de Chefe da Divisão de Administração Urbanística. Em 1988 passou a exercer funções na Câmara Municipal de Setúbal onde desempenhou os cargos de Chefe da Divisão de Habitação, de Chefe da Divisão de Promoção de Obras, de Coordenadora do Gabinete dos Centros Históricos e de Chefe da Divisão de Projectos, Concursos e Empreitadas. Integra o Serviço Municipal de Protecção Civil e Bombeiros, da C.M.S., desde Novembro de 2007, onde tem colaborado na execução de vários estudos desde 2003, com especial destaque para o Plano Municipal de Intervenção no Centro Histórico de Setúbal.

De 2000 a 2008 foi professora na Universidade Moderna de Setúbal, tendo leccionado as disciplinas de Reabilitação de Edifícios e Sítios e de Atelier 4, ao 5.º ano da licenciatura em Arquitectura e ao Mestrado Integrado em Arquitectura.

É revisora do *Journal of Civil Engineering and Architecture (JCEA)*, da David Publishing Company, USA, desde 2014/Jan. Tem desenvolvido a actividade de investigação, com a apresentação de comunicações e conferências na sua área de pesquisa. É autora de várias publicações na área do património e protecção civil.

MARIA JOÃO BOTELHO MONIZ BURNAY

Licenciada em Ciências Históricas pela Universidade Lusíada de Lisboa, realizou Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro, no Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Entre 1995 e 2011 integrou o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda. Desde 2011 é conservadora da coleção de Vidros, e luminárias, tem publicado vários artigos e participado em conferências em Portugal e no estrangeiro sobre as coleções da Casa Real Portuguesa.

Foi, com a Professora Rosa Barovier Mentasti, comissária da exposição “Ricordo di Venezia. Vidros de Murano da Casa Real Portuguesa” patente no Palácio Nacional da Ajuda de Junho de 2015 a Janeiro de 2016. É ainda membro do *ICOM (International Council Of Museums)/GLASS* e da *Light and Glass. European Society for Light & Glass*.

MARIA JOÃO PEREIRA COUTINHO

Licenciada em Artes Decorativas Portuguesas, mestre em História da Arte e doutora em História (especialidade em Arte, Património e Restauro). Minis-

trou unidades curriculares na Escola Superior de Artes Decorativas Portuguesa da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva e na Universidade Católica Portuguesa. Entre 2006 e 2009 foi bolsista de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/22602/2005) e entre 2010 e Fevereiro de 2012 foi bolsista do projeto “Lisboa em Azulejo antes do Terramoto” (PTDC/EAT-EAT/099160/2008) do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, de que é membro integrado. Desenvolveu também um pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/85091/2012) e é docente convidada no Curso de 1º Ciclo em História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem participado em encontros nacionais e internacionais, de carácter científico, organizado colóquios e congressos e tem colaborado com projetos culturais, no âmbito da História da Arte e Artes Decorativas.

MIGUEL MONTEZ LEAL

Miguel Montez Leal é investigador integrado do Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorado em História da Arte Contemporânea (UNL), Mestre em História da Arte Contemporânea (UNL), licenciado em História (UNL), possui as pós-graduações em Estudos Europeus (Dominante Jurídica), pela Universidade Católica Portuguesa e no Ramo de Formação Educacional em História (UNL). Tem participado em variados colóquios e congressos no âmbito da história da arte e da história, e tem publicado diversos artigos científicos em revistas e obras da especialidade. Pertence ao Instituto Português de Heráldica.

PEDRO FERNANDES

Licenciado em Comunicação Social pela Escola Superior de Educação de Setúbal e Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, desempenhou funções como responsável de comunicação no Espaço Público Europeu sob tutoria da Representação da Comissão Europeia em Lisboa e trabalha atualmente como editor e coordenador de um projecto de iniciativa própria. Desenvolve desde 2014 uma investigação relativa às antigas quintas de Setúbal e arredores próximos.

PEDRO FLOR

Doutorado em História da Arte Moderna pela Universidade Aberta em 2006. Desde 1998, lecciona várias unidades curriculares na área da História da Arte e da Museologia nos Cursos de 1º, 2º e 3º Ciclos de História, especialidade Estudos do Património na mesma Universidade. É Sub-Director e membro investigador do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais

e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde coordena a linha de investigação “Estudos sobre Lisboa”. É o Investigador Responsável do projecto “ROBBIANA - The Della Robbia sculptures in Portugal: History, Art and Laboratory” (PTDC/HIS-HEC/116742/2010), aprovado para financiamento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Colabora com o Departamento de História da Arte da mesma Faculdade na leccionação de várias unidades curriculares do Curso de 1º Ciclo em História da Arte. Tem desenvolvido diversos trabalhos de investigação no âmbito do Renascimento e dos Estudos Oisiponenses, participando em diversos encontros de carácter científico nacionais e internacionais e publicando variados textos da especialidade. É Académico Correspondente da Academia Portuguesa da História. É actualmente o Presidente da Associação Portuguesa de Historiadores da Arte.

PEDRO MARQUES ALVES

(Setúbal 1982) Licenciado em Arquitectura em 2006 pelo ISCTE e Mestre em Arquitectura em 2009 pelo ISCTE-IUL, tem dividido o seu percurso profissional por projectos de investigação e consultoria e pela prática da arquitectura. Os primeiros em contexto académico (ISCTE-IUL, Lisboa); e a segunda, com colaboração em diferentes ateliers – Pedro Mendes Arquitectos, lda. (Lisboa), DHV, S.A. (Lisboa), Maxwan (Roterdão), NLUS (Haia), SAMI (Setúbal) – e, com o seu próprio atelier: Alves Arquitectos (Setúbal).

O conjunto destas experiências tem lhe permitido desenvolver projectos em contexto nacional e internacional, assim como, a atribuição de algumas distinções. Em 2006, em colaboração com Pedro Mendes Arquitectos, lda. venceu o Prémio European; em 2014 foi finalista do Desafio Ideias de Origem Portuguesa da Fundação Calouste Gulbenkian; e, em 2015 o seu filme “Atelier da Rua” foi projectado no New Urbanim Film Festival, em Los Angeles.